



A “Cidade do Aço” entre “novos” e “velhos” sindicalismos: redes sociais e mobilização coletiva em Volta Redonda (1980-1990)

EDUARDO ÂNGELO DA SILVA*

Esse texto apresenta proposta de pesquisa de doutoramento voltada para o estudo das mobilizações de trabalhadores na cidade de Volta Redonda-RJ, sede da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), durante a década de 1980. Dessa forma, os seguimentos textuais abaixo procuram esclarecer o tema da pesquisa, sua inserção frente à produção acadêmica acerca da cidade, sua justificativa e os referências teórico-metodológicos adotados para se enfrentar a questão proposta.

Os anos 80 na “Cidade do Aço”: atores sociais e novo contexto

Ao final da tarde do dia 25 de maio de 1981, aproximadamente 500 pessoas se concentraram na Praça Brasil, no centro da cidade de Volta Redonda (RJ), para um ato público contra demissões ocorridas em empresas subsidiárias e prestadoras de serviços da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).¹ A partir de indicativos daquelas empresas, a previsão para as semanas posteriores àquele ato era de desativação de mais de três mil postos de trabalho. Tamanho desemprego teria como causa a desaceleração da quarta expansão da CSN, que teve início em 1969 e terminaria em 1985.²

Na ocasião, o Serviço Regional de Investigações Especiais designou investigador para cobrir a mobilização. Em relatório, ele registrou que “um caminhão da marca Fiat, servia de palanque para os oradores que se sucederam, apoiado pelo auto de marca Volks-Kombi, com uma aparelhagem de som, de propriedade do Jornal A Voz da Cidade”. Vagner Barcellos, integrante da Oposição Sindical Metalúrgica de Volta Redonda (OSM-VR), foi o “apresentador” do ato. Lideranças presentes tomaram a palavra frente ao público, que se encontrava entre faixas e cartazes. “O PTB é uma fonte de esperança para o povo”, “trabalhador unido constrói o seu partido - PT”, “direito de greve - liberdade sindical”, eram dizeres empunhados. Além de fotografar o ato, o investigador anotou a sequência dos oradores.

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), doutorando em História.

¹Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fundo: Polícia Políticas no Rio de Janeiro (APERJ). Notação: 152-B, folha2385. Fonte usada nos quatro parágrafos seguintes.

²Década de 80, desemprego poderá afetar Volta Redonda. *Jornal Opção*. N.185. p.1.

Dos sindicalistas, de situação e oposição, destacaram-se os últimos. Ana Maria, do movimento de Oposição Sindical da Construção Civil, denunciou a falsa promessa das empregadoras de reestabelecimento dos empregos. Após a fala de um trabalhador da Fiat (Duque de Caxias), que pediu apoio à greve naquela empresa, e a manifestação de solidariedade de um membro do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro ao movimento local, Waldemar Lustoza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda e Região (SMVR), teve fala tímida, sem “entrar no mérito do ato”. Líder da OSM-VR, Juarez Antunes criticou a “mordomia” dos diretores da CSN frente aos baixos salários dos operários e então as demais lideranças se sucederam no “palanque”.

Membros da Convergência Socialista (CS) fizeram um chamado à “greve geral”, o qual foi seguido por um chamado de luta, “inclusive pelo uso de armas”, de um integrante da União Nacional dos Estudantes (UNE). Esse mesmo estudante vendia no local o jornal “Companheiro”, publicação do Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP).³ Solidarizando-se ao ato, discursaram ainda: uma representante das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), lideranças de entidades de professores e deputados federais, eleitos pelo Rio de Janeiro, que desferiram críticas à política salarial do Governo Federal e seus gastos com órgãos de “espionagem” e “segurança”.⁴

Encerrado o ato na Praça Brasil, os participantes foram convidados por Vagner Barcellos a participarem de uma passeata com destino ao Escritório Central da CSN⁵, que ficava a poucas quadras dali. Portando suas faixas, as pessoas entoaram palavras de ordem. Ao chegarem aos portões do Escritório, encerraram a manifestação com o Hino Nacional.

No início dos anos 80 o processo de distensão política do regime militar já apresentava importantes marcos, como a suspensão do Ato Institucional nº5 (1978), a aprovação da lei de anistia (1979) e a extinção do bipartidarismo (1979), contudo, se encontrava sob a pressão da mobilização

³A Convergência Socialista (CS) foi uma organização política de orientação trotsquista surgida em 1978, em São Paulo, que teve origem em um pequeno número de militantes que fundaram a organização clandestina Liga Operária, em 1974. O Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP) foi um grupo clandestino de esquerda formado em congresso em Itaipava-RJ no ano de 1976. Ambas as entidades participaram da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). FERREIRA, M. M.; FORTES, A. (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela*. São Paulo: Editora. Perseu Abramo, 2008. pp.416-418.

⁴Os deputados eram José Eudes e Edson Khair, ambos do recém-fundado PT, e José Maurício, vinculado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). ABREU, A. Alves de ... [et al.] (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 2052, 2929 e 3645.

⁵Principal prédio de escritórios da CSN à época, com 16 andares.

social ascendente, em especial, da mobilização sindical. O ABC paulista⁶ foi o epicentro do ressurgimento daquele movimento, que se irradiou por todo o país a partir de 1978. As greves do ABC marcaram o início do chamado “novo sindicalismo”, caracterizado pela aproximação entre os autodenominados sindicalistas “autênticos”, reunidos em torno dos metalúrgicos do ABC, e as Oposições Sindicais, cuja maior expressão foi a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP). Tais entidades, junto a outros setores dos movimentos populares, atuaram na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980, e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983. O “novo sindicalismo” irá propor uma estrutura sindical construída pela base, classista, autônoma e independente do Estado (ANTUNES e SANTANA, 2014: 128-141). Integrada a todo esse processo, esteve a OSM-VR (MONTEIRO, 1995: 53).

Assim como no paradigmático caso paulistano⁷, percebemos que a OSM-VR estava vinculada tanto a militantes egressos de setores da luta armada quanto a ativistas ligados à Igreja Católica progressista. Porém, ao enredarmos historicamente alguns elementos e personagens daquele ato identificamos alguns indícios das peculiaridades do sindicalismo local.

A Praça Brasil foi inaugurada em janeiro de 1957, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, e apresentava em lugar central uma estátua em bronze de Getúlio Vargas, fundador da CSN.⁸ Em maio do mesmo ano, Othon Reis Fernandes, chefe do departamento pessoal da siderúrgica, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e ligado a João Goulart, venceu as eleições para o SMVR, tendo enfrentado Nestor Lima, candidato de membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Othon exerceu o cargo de presidente do Sindicato até o ano de 1963, quando, finalmente, a oposição comunista elegeu Lima Neto. Nos anos 50 e 60, trabalhistas e comunistas tiveram atuação destacada no sindicalismo local, defendendo garantias presentes na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) não respeitadas pela CSN (MOREL, 1989: 291-429).

Juarez Antunes chegara à cidade há menos de um ano da eleição de Othon, em julho de 1956, atraído pela oferta de emprego na siderúrgica, e logo foi nela admitido. Por volta de 1958, filiou-se ao Sindicato e passou a acompanhar a atividade sindical. Em dezembro de 1963, Juarez

⁶Região formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul

⁷Sobre a OSM-SP, ver: SANTANA, M. A. Ditadura Militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. In: *Política e Sociedade*, n.13, p.279-309, 2008. SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸A Companhia Siderúrgica Nacional foi criada em 9 de abril de 1941.

participou da famosa campanha salarial liderada por Lima Neto, que teve como lema: “50% ou greve!”. Pela primeira vez na história da empresa, os trabalhadores acenaram para a possibilidade de greve. Em negociação direta com João Goulart, conquistaram o aumento desejado.⁹

O Golpe de 1964 fraturou a relação construída entre a empresa e seus trabalhadores desde sua fundação. O SMVR sofreu intervenção militar e suas lideranças foram destituídas e presas. Naqueles duros anos a empresa adotou uma política de redução de direitos. Com o fim da estabilidade no trabalho, através da instituição do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em 1968, muitos trabalhadores foram induzidos pela empresa a optarem pelo fundo e uma vez demitidos não receberam as indenizações previstas em lei. Nas mãos de interventores, o Sindicato não se envolveu com aquelas questões. Apenas ao final dos anos 70 ressurgiria um sindicalismo mais ativo (MONTEIRO, 1995:45-53).

O início de uma rearticulação de lideranças e ativistas políticos perseguidos em 1964 teve como marco a organização do “MDB Trabalhista”, em meados dos anos 70. Este foi um departamento do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) local, a princípio, voltado para questões trabalhistas, como a luta pelas indenizações não pagas pela usina. Rosalice Fernandes, filha de Othon Reis Fernandes, destacou-se como liderança do movimento, que chegou a contar com 3.000 filiados. Pela cidade e na própria fábrica, durante aqueles anos, emergiam lideranças ligadas às CEBs, pastorais e outros grupos da Igreja Católica local, os quais tiveram atuação marcante desde a chegada de Dom Waldyr Calheiros à diocese situada em Volta Redonda, em meados dos anos 60. Vagner Barcellos, metalúrgico e ativista sindical, foi uma dessas novas lideranças. Da aproximação entre membros dessas duas entidades surgiu a OSM-VR, em 1979 (MONTEIRO, 1995:45-53). Naqueles anos de abertura, grupos de esquerda como a CS e o MEP vieram para Volta Redonda e adensaram o trabalho da OSM-VR. Juarez não participou da fundação da Oposição, porém, se tornou sua principal liderança a partir de 1980. Atribui-se esse fato à sua capacidade de liderança e carisma, construídos ao longo dos anos no interior da fábrica (GRACIOLLI, 1997:68-71). No ano de 1980, em assembleia realizada na Igreja Nossa Senhora da

⁹Idem. p.397. Entrevista com Juarez Antunes, em 12/02/1988. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel). Caixa 3.p.1 e 2.

Conceição, ele foi eleito “cabeça de chapa” da OSM-VR.¹⁰ Waldemar Lustoza, presidente do Sindicato desde 1973, perderia as eleições de 1983 para Juarez e o SMVR se filiaria à CUT.

Sob a perspectiva histórica, os elementos do ato na Praça Brasil nos dão indícios do que estava em processo naqueles anos. Após tempos de dura repressão, diferentes atores sociais se articulavam em torno do sindicalismo local. Faixas e cartazes com menção ao PTB e ao recente Partido dos Trabalhadores (PT) são indicativos do encontro entre referenciais políticos do passado e dos construídos naquele presente. Tal questão é reforçada por episódios da trajetória de Juarez Antunes, que se tornou o maior líder do SMVR nos anos 80.

Nos anos 80, Volta Redonda tornou-se palco de diversas mobilizações. Entre 1984 e 1988, o SMVR esteve à frente de oito greves na CSN, dentre as quais, a de maior destaque foi a “Greve de 88”, considerada como um dos marcos nacionais das lutas pela redemocratização.¹¹ A grande mobilização popular deu o lastro a tais ações. Catapultado por aquelas lutas, além de ser presidente do SMVR, entre 1983 a 1989, Juarez ainda teve sucesso nas eleições de 1985 e 1988.

Sendo um dos fundadores do PT em Volta Redonda, porém, taxado de “personalista”, “individualista” e “populista” por outros militantes petistas¹², ele perdeu espaço naquele partido, e filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1985, pelo qual foi eleito deputado (1985) e prefeito de Volta Redonda (1989). Cabe lembrar que a sigla PDT surgiu após acirrada disputa no Tribunal Superior Eleitoral entre Leonel Brizola, liderança trabalhista do pré-1964, e Ivete Vargas, parente de Getúlio. Embora Brizola não tenha conseguido a sigla pretendida, o PDT, pensado como um ressurgimento trabalhista e oficializado em 1981, teve grande êxito nas eleições de 1982. Além de Brizola ter se tornado governador, o partido elegeu uma expressiva bancada de parlamentares no Estado do Rio de Janeiro.

Mesmo estigmatizado por alguns, no campo sindical e partidário, Juarez foi uma liderança cutista reconhecida nos diversos setores sindicais e movimentos sociais atuantes naqueles anos.

¹⁰Entrevista com Juarez Antunes, em 12/02/1988. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel). Caixa 3. p. 20 e 21.

¹¹Greve ocorrida durante o governo Sarney que sofreu violenta repressão militar, o que resultou na morte de três operários.

¹²Entrevista com Juarez Antunes, em 12/02/1988. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel). Caixa 3.p.23. MANGABEIRA, Wilma. *Os Dilemas do Novo Sindicalismo: Democracia e Política em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1993.p.102.

Sua morte ocorreu em 1989 devido a um acidente automobilístico. Marlene Fernandes, professora, ativista sindical nos anos 80, filiada ao PDT à época e figura próxima à Juarez, dá um sentido histórico-social às suas “idiossincrasias”, tão desaprovadas por alguns: “É claro que o cara tinha algo de populista. Ele traz essa história com ele. Ele é a passagem desse jogo. Ele tem essa coisa do passado forte de Volta Redonda e aponta para o futuro com a história da CUT”.¹³ Em 1990, houve ainda uma grande greve na CSN, porém, sob a liderança de Vagner Barcellos (petista e oriundo dos coletivos da Igreja Católica).

Considerando o exposto acima, a pesquisa pretendida tem como tema a construção das greves ocorridas na CSN nos anos 80 e as redes sociais que possibilitaram tamanha mobilização na cidade de Volta Redonda. Dessa forma, o recorte cronológico proposto tem início em 1980 e término em 1990. Tal abordagem se preocupará ainda com o modo como tradições políticas passadas foram rearticuladas e ressignificadas, entre rupturas e continuidades, por aqueles atores sociais na construção daquela versão fluminense do “novo sindicalismo”.

Volta Redonda: notas acerca da produção acadêmica sobre trabalhadores

Os trabalhos acadêmicos sobre os trabalhadores de Volta Redonda têm início, justamente, na atmosfera agitada da década de 1980, sendo o primeiro ciclo de estudos concluído ao final dela e nos anos iniciais de 1990. Tais trabalhos manifestavam em si uma intrincada rede de processos históricos existentes na constituição e desenvolvimento da localidade em sua relação com os contextos históricos mais amplos.

Publicada em 1989, a tese de doutoramento em Sociologia de Regina Morel, pioneira obra de fôlego sobre a localidade, dedicou-se à análise da formação e gestão dos trabalhadores da CSN, demonstrando como a constituição desta siderúrgica, no período entre 1941 e 1968, exigiu um esforço de controle (interno e externo à fábrica) sobre seu operariado (MOREL, 1989). A estratégia adotada a fim de efetivar este controle seria a construção da ideia de uma “família siderúrgica”, segundo a qual, o Estado deveria ser percebido como “tutor da sociedade e construtor da nação”, e o atendimento às reivindicações operárias como dádivas. Em consonância com o debate teórico metodológico mais avançado naquele momento nas Ciências Sociais e História, a

¹³Marlene Fernandes em entrevista ao autor, em 15/02/2009.

autora demonstrou como as múltiplas dimensões destes esforços de dominação sofreram resistência e foram reapropriados ou legitimados pelos trabalhadores.

Por um lado, o trabalho de Morel, ao ressaltar a ação dos trabalhadores da CSN, fez parte de uma revisão da proposta tradicional de resumir a trajetória sindical brasileira no pós-30 e, principalmente, no período entre 1945 e 1964, a uma noção de sindicalismo “populista”, marcada por categorias como manipulação, cooptação, demagogia e mistificação.¹⁴ Esta visão marcadamente negativa sobre o período seria substituída gradualmente pela ênfase nas temáticas da formação de operariado e participação política no período populista, tendo a localidade, enquanto estudo de caso, se tornado alvo recorrente de estudos posteriores com este viés.¹⁵ Por outro lado, a pesquisa para tese de Morel, desenvolvida na segunda metade dos anos 1980, ao envolver outros pesquisadores, colocou-os em contato com a localidade, fato que mais tarde teria reflexo na elaboração de algumas dissertações de mestrado sobre Volta Redonda do início dos anos 1990¹⁶. Tais textos, com amplos recortes cronológicos, que ultrapassavam o período “populista” em direção aos anos ditatoriais, e estudos exclusivamente dedicados a novos temas, presentes na atmosfera de lutas sociais dos anos 1980, como os conflitos em torno da constituição do espaço social local e a atuação da Igreja Católica na cidade, tiveram ali sua primeira expressão.

Se a aproximação do meio acadêmico às lutas sindicais, por um lado, produziu reflexões acerca de uma maior gama de temas vinculados à condição da classe trabalhadora, por outro lado, o esforço analítico na concepção do “novo”, presente na constituição da identidade daqueles movimentos, ressaltou, especialmente para o movimento sindical, a noção de ruptura entre as

¹⁴No âmbito da História, os anos 1990 marcaram a revisão da tradicional visão sobre o período populista. SILVA, F. T. da S.; COSTA, H. da C. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço de estudos recentes. In.: FERREIRA, J. (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

¹⁵Podemos citar como exemplos: BEDÊ, E. D. *Pedagogia do Mundo do Trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Americanismo, Compromisso Fordista e a Formação da Classe Operária em Volta Redonda*. Niterói: Tese de Doutorado em Educação, UFF, 2007. DINIUS, O. J. *Brazil's Steel City: Developmentalism, Strategic Power, and Relations in Volta Redonda, 1941-1964*. Stanford: Stanford University Press, 2010. SILVA, L. Â. *Industrialização, relações de classe e participação política*. Seropédica: Dissertação de Mestrado em História, UFRRJ, 2010.

¹⁶LASK, T. C. *Ordem e progresso: A estrutura de poder na “cidade operária” da CSN em Volta Redonda (1941-1964)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFRJ, 1991. SOUZA, C. V. C. *Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, IPPUR/UFRJ, 1992. SOUZA, J. J. V. Valentim, o guardião da memória circulista (1947-1958). Campinas: Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 1992.

mobilizações e ações dos anos ditatoriais e as anteriores ao Golpe de 1964, que passaram a ser vistas como integrantes de um “velho” sindicalismo “populista” (SANTANA, 1999).

Graciolli (1997) e Mangabeira (1993), por exemplo, analisaram o “novo sindicalismo” em Volta redonda, na primeira metade dos anos 1990, com ênfase nas condições do cotidiano fabril e na atuação do sindicato, porém, não se aprofundaram na avaliação das formas como as greves dos anos 1980 tiveram início. Numa atmosfera de afirmação de ruptura com o passado, estes estudos não tiveram como foco os vínculos de continuidade entre os “novos” e “velhos” sindicalismos.

Entretanto, naquele mesmo período, embora com menor evidência, já há esforço de reflexão sobre as continuidades e rupturas da ação operária na localidade. Morel e Pessanha, em texto de 1991, ao tratarem dos operários da indústria naval de Niterói e dos trabalhadores da CSN, procuraram rastrear a constituição de diferentes gerações de trabalhadores, ao longo da existência dos estaleiros e da siderúrgica, até a década de 1980, observando as transformações na constituição de identidades e mobilização política (PESSANHA e MOREL, 1991).

Esta perspectiva, segundo Santana, compunha uma das três linhas de estudos que surgiram após os anos de afirmação do “novo sindicalismo”, os quais fizeram a revisão de temas anteriormente consolidados ou lançaram luz sobre processos ainda não estudados (SANTANA, 1999:109-112). Estas análises propunham, de maneira geral: uma revisão do “sindicalismo populista”, relativizando concepções arraigadas sobre as práticas sindicais anteriores a 1964, perspectiva na qual se situa a tese de Morel; a análise da existência de vínculos entre o “novo” e o “velho” sindicalismo, pensados de maneira desconectada em estudos anteriores; e uma ênfase no presente como centro de preocupação, focada na trajetória mais recente do “novo sindicalismo”. Esta última linha incorporou, articuladamente, duas vertentes: a que se dedicou ao recorte político e sindical, ou seja, aos avanços trazidos pelo “novo sindicalismo” à ação sindical, e a voltada para a análise das transformações no mundo do trabalho e seu impacto em termos de organização e ação. As preocupações presentes nesta segunda vertente foram e são abordadas por uma série de estudos sobre a cidade, *locus* da primeira grande privatização de uma estatal nos anos 1990.¹⁷

¹⁷Sobre o processo de privatização da CSN, ver: GRACIOLLI, E. J. *Privatização da CSN: da luta de classes à parceria*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. PEREIRA, S. E. M. *Sindicato e Privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia, UFRJ, 2007. Sobre o impacto das transformações do mundo do trabalho nos trabalhadores da região, conferir: CARUSO, D. S. *Reestruturação produtiva e movimento operário em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: Dissertação em História, UFF, 2009. DIAS, S. O. M. *Dentro*

A partir dos anos 2000, além das revisões sobre o período “populista”, já mencionadas, alguns estudos de caráter mais histórico se voltaram para a análise do papel mobilizador da Igreja Católica nos anos ditatoriais.¹⁸ Outros buscaram superar a perspectiva que privilegia o espaço fabril enquanto campo primordial na inteligência de articulação das lutas, lançando um olhar mais apurado sobre os laços estabelecidos entre os movimentos populares e o movimento operário, ou, em outros termos, entre o mundo urbano e fabril.¹⁹

Tal perspectiva não configurou uma novidade, remontando preocupações presentes nos círculos acadêmicos brasileiros ainda nos anos 1980, sendo uma de suas obras de referência a tese de doutoramento de Eder Sader sobre as lutas sociais da Grande São Paulo nos anos 1970 (SADER, 1988). Em sua abordagem, Sader identificou três instituições em crise (a Igreja Católica, as organizações e partidos de esquerda e o sindicalismo) nas quais houve reelaboração de suas tradições e, naquela conjuntura específica, surgiriam novas percepções do vivido. Tradições de lutas existentes em tais espaços informaram, segundo o autor, os coletivos e foram reelaboradas no contexto histórico específico de forma a canalizar e representar as energias de transformação social.

Analisando a produção sobre o caso de Volta Redonda à luz do referencial proposto por Sader, podemos dizer que os estudos na área da História, ao retomarem a abordagem dos anos 1970 e 1980 e dos agentes sociais presentes em tal período, não focaram com profundidade, até o momento, as rearticulações discursivas e práticas entre as três grandes instituições apontadas, as quais, em conjunto, constituiriam um espaço de socialização e ação daqueles agentes.

Se, em alguns trabalhos, ainda dos anos 1990, há a sugestão de que o surgimento da Oposição Sindical na CSN e sua vitória em 1983 são o marco da inflexão das lutas sociais na

da usina, mas fora da família: trabalhadores e terceirização na CSN. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História, UFRJ, 2010.

¹⁸Entre tais estudos estão: COSTA, C. M. L.; PANDOLFI, D. C.; SERBIN, K. *O bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001. SOARES, P. C. *CEB`s: A construção de uma nova maneira de ser Igreja: o nascimento e organização das Comunidades Eclesiais de Base em Volta Redonda (1967-1979).* Vassouras: Dissertação de Mestrado História, USS, 2001.

¹⁹Ver: DIAS, S. T. B. *Espaço urbano: concessão ou conquista? Os núcleos de posse de Volta redonda (1973-1985).* Vassouras: Dissertação de Mestrado em História, USS, 2003. SANTANA, M. A. *Trabalhadores e política no Sul Fluminense: a experiência de Volta Redonda nos anos 80.* In.: RAMALHO, J. R.; SANTANA, M. A. *Trabalho e desenvolvimento regional. Efeitos da indústria automobilística no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. GRANDA, M. A. *Cidade “vermelha” do aço: greves, controle operário e poder popular em Volta redonda (1988-1989).* Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História, UFF, 2009. SILVA, E. Â. *“Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”:* experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta redonda, RJ, 1970-1980). Seropédica: UFRRJ, 2010.

cidade, como em Graciolli (1997) e Mangabeira (1993), em outros mais recentes, voltados para a formação das Comunidades Eclesiais de Base, entre outras entidades vinculadas à Igreja Católica, a ação dessa Igreja aparece como elemento primordial de formação de militantes de forma desarticulada ao espaço fabril e aos militantes identificados como integrantes de organizações de esquerda, partidária ou não partidária., como em Dias (2001) e Soares (2003) No conjunto, os novos estudos sobre Volta Redonda, embora mencionem a participação desses militantes, mesmo que dispersos em diversos movimentos antes do surgimento do Partido dos Trabalhadores, ainda não deram conta da constituição dessas novas práticas e identidades em sua relação simultânea com o universo fabril, com àquelas organizações (em especial) e com a Igreja Católica.

Dessa forma, acreditamos que os estudos sobre os anos 80 ainda não avaliaram de forma equilibrada as rearticulações da rede de relações entre movimentos sociais, organizações de esquerda e Sindicato, as quais possibilitaram as grandes mobilizações do período. Por outro lado, uma perspectiva de ruptura, em especial, acerca do movimento operário e sindical, foi sobrevalorizada e deve ser relativizada, a partir de uma perspectiva que considere as continuidades e rupturas da ação daqueles trabalhadores.

Entre “novos” e “velhos”, rupturas e continuidades

Os estudos acadêmicos sobre trabalhadores urbanos no Brasil sempre foram marcados por um caráter interdisciplinar e de maneira geral outras ciências sociais precederam a História na pesquisa sobre o tema. Como pudemos observar, a literatura especializada sobre os trabalhadores de Volta Redonda é um exemplo deste fato. Apenas a partir da década de 1980 é que surgem análises de maior cunho histórico sobre o movimento sindical e operariado urbano no Brasil.

Uma das contribuições marcantes dos novos trabalhos, especialmente a partir dos anos 90, é a revisão da proposta tradicional de resumir a trajetória sindical brasileira, no pós-30 e principalmente no período entre 1945 e 1964, a uma noção de sindicalismo populista construída em contextos de afirmação do “novo sindicalismo” (SANTANA, 1999). Os novos referenciais teóricos adotados pelos historiadores brasileiros neste momento permitiram esta revisão, sendo a história social britânica uma influência decisiva neste processo.

A construção da identidade do sindicalismo “autêntico”, a partir da década de 1970 (marcada pelas relações entre o movimento sindical e a academia), seria pautada em uma lógica da

ruptura, acusando o movimento operário anterior de pouco combativo, cupulista e atrelado ao Estado (WEFFORT, 1973). Entretanto, os novos estudos acadêmicos sobre a classe trabalhadora, a partir da década passada, têm feito uma revisão da noção tradicional sobre o período populista (SILVA e COSTA, 2001). A nova perspectiva procura compreender os trabalhadores nos seus próprios termos, como viviam sua realidade social e como sua percepção respondia a esta realidade, o que se desdobra no reconhecimento da dinâmica entre os atores sociais e ressalta as dificuldades do uso de categorias como manipulação, cooptação, demagogia e mistificação, anteriormente imputadas à atuação da classe trabalhadora neste período. Dentro dos mesmos marcos teóricos, outros estudos têm como foco específico a possibilidade de existência de vínculos de continuidade entre o “novo” e o “velho” sindicalismo²⁰.

Acreditamos que nossa proposta de trabalho se integra às perspectivas acima. Ao focar a realidade dos trabalhadores da CSN nos anos 80, preocupando-se em fazer um balanço de rupturas e continuidades que marcaram os processos de identificação daquele coletivo de trabalhadores, podemos contribuir, junto aos demais trabalhos sobre o tema, para uma análise mais precisa das especificidades deste período histórico. Além disso, por tratar de uma região com grande presença operária desde os anos 40, o estudo pretendido tem um elemento adicional em sua relevância.

Perruso, ao estudar a relação entre intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 70 e 80, ressaltou uma diferença das realidades políticas e sociais entre a intelectualidade paulista e do Rio de Janeiro que se dedicaram ao estudo de “novos” movimentos sociais naqueles anos, fato que acabou por dar tonalidades diferentes às suas análises naquele momento (PERRUSO, 2009). Em São Paulo os estudiosos do mundo sindical e popular se depararam com uma geração operária pouco ligada ao passado, como é exemplar no caso dos metalúrgicos do ABC paulista, região de industrialização mais recente. Porém, no Rio, por vezes algumas lideranças operárias eram as mesmas de um passado recente. Importantes intelectuais cariocas estudiosos do tema trabalho urbano relativizaram a ideia de “novo” em entrevista a Perruso, no ano de 2006. José Sérgio Leite Lopes, por exemplo, disse que os paulistas “deram maior ênfase nessa coisa do novo” e que “às vezes o novo é uma combinação nova de elementos antigos”. Entretanto, Perruso afirma que

²⁰ Um exemplo destes estudos: MATTOS, M. B. *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

mesmo com um maior cuidado na caracterização do “novo”, esses intelectuais, assim como seus congêneres paulistas, enfatizaram aquela ideia. O autor ainda concluiu que para a maioria dos analistas daquele momento o “velho” sindicalismo (populista), em termos partidários, é identificado com o PTB e o PCB (PERRUSO, 2009: 131-180), legendas que tinham significativa presença entre os trabalhadores urbanos no pré-1964, inclusive em Volta Redonda. Assim, tais pontuações indicam quão profícua pode ser nossa análise, ou seja, um caso representativo do fortalecimento da mobilização de trabalhadores em contexto de redemocratização que possibilita a análise de atores, práticas e referências passados em um novo contexto.

Pretendemos contribuir para o debate sobre a relação entre o “novo” e o “velho” sindicalismo no contexto de afirmação do que se convencionou chamar de “novo sindicalismo” e compreender, a partir da análise da construção de greves, as relações estabelecidas entre atores sociais (movimentos sociais, Igreja Católica, organizações e partidos de esquerda e sindicato) no contexto de redemocratização.

Classe, cultura e redes sociais

Partimos aqui de uma concepção processual de classe, presente primeiramente na historiografia social inglesa, especialmente na obra de E. P. Thompson. Em “A Formação da Classe Operária Inglesa”, um dos marcos dessa historiografia, Thompson analisa o “fazer-se” desta classe em seu processo, no tempo, rastreando a ação humana e os condicionamentos subjacentes a esta (THOMPSON, 1987-1988). Para o autor, os condicionamentos econômicos apenas podem determinar, em grande medida, a experiência de uma classe, mas não a consciência de classe, forma como as experiências são tratadas em termos culturais. Thompson se opõe às análises economicistas, onde, de uma determinada economia surgiria uma consciência de classe correspondente. A palavra “cultura” embora sugira a princípio um sistema de atitudes, valores e significados compartilhados também deve ser percebida em suas variações internas e históricas, não ocorrendo de forma homogênea. Uma cultura é uma “arena de elementos conflitivos”, que, apenas sob uma pressão imperiosa (na luta de classes) assume a forma de um sistema. A invocação do termo sob a ótica do consenso pode obscurecer as fraturas existentes dentro de um conjunto (THOMPSON, 1998:17).

Nesse sentido que compreendemos a “invenção do trabalhismo”, a partir do primeiro governo Vargas (GOMES, 2008). O trabalhismo, um discurso estatal que visava mais que falar aos

trabalhadores pois pretendia “produzir este público, identificado como classe trabalhadora brasileira” (numa situação de pacto entre trabalhadores e Estado), não atingiu seu objetivo de enunciador do lugar da classe trabalhadora no pós-30. A audiência operária ressemantizaria, a partir de suas experiências e valores, tanto o discurso estatal quanto o próprio processo simbólico envolvido na concessão de benefícios (FORTES, 2004:435-436). Dessa forma, percebemos que elementos integradores e dispersores estiveram presentes na percepção cultural daqueles trabalhadores. No caso por nós abordado, a ação dos trabalhadores da CSN na reivindicação de direitos no pré-1964, alvos de um grande investimento de tal discurso (o de construção da “família siderúrgica”), reforça a pertinência desse referencial analítico.

Seguindo o pressuposto de que a dimensão cultural dos coletivos de trabalhadores só pode ser compreendida em seu processo histórico, interligada às tensões com outros grupos e ao conflito de classes, procuraremos compreender os trabalhadores em seu processo de mobilização a partir das considerações de Savage (2011). Tal visão se encontra entre ramos da historiografia inglesa que procuram dar continuidade e reelaborar o pensamento de Thompson e enfatiza a dimensão espacial na formação de classe.

Para o entendimento da articulação entre os agentes presentes nas greves do período estudado, partimos das colocações desse autor de que a formação de classe é um processo complexo que envolve a construção de dois tipos de redes sociais, as de largo alcance e as densas. Em suas palavras:

A formação de classe tem uma dinâmica dupla. Primeiro, ela envolve a construção de redes sociais de largo alcance, ligando membros da classe através de áreas locais diferentes – espaços de trabalho, bairros residenciais, pontos de lazer e assim por diante. Tais situações viabilizam a transmissão de informações, construção de organizações, troca de ideias e coordenação de mobilização. [...] Segundo, a formação de classe também envolve a construção de vínculos densos que permitem a criação de identidades solidárias e comunitárias ao longo do tempo e na ausência de organização formal. Nesse ponto, as classes podem ser “extraídas” da “comunidade”, relações face-a-face, que conduzem à solidariedade social. (SAVAGE, 2011:19)

Em nossa pesquisa, além de procurarmos identificar as redes densas, em especial, as relacionadas aos vínculos entre os trabalhadores da CSN, baseadas em sólidas práticas cotidianas e

intensas conexões interpessoais, procuraremos articulá-las com as redes de largo alcance, que envolvem sindicatos, partidos e outras modalidades institucionalizadas de organização.

Metodologia e fontes

Acreditamos que a pesquisa e análise das greves apontarão as articulações entre vínculos informais (redes densas), preexistentes no movimento, e aqueles formais (redes de largo alcance), ou seja, institucionais. Para isso, é necessário considerarmos essas mobilizações como, simultaneamente, meio de pressão e modo de expressão. Embora, majoritariamente, a paralisação coletiva do trabalho seja apreendida como um instrumento de pressão para a conquista de reivindicações sociais e políticas, em uma greve, torna-se visível a rede de sociabilidade e solidariedade tecidas no cotidiano. Nesse sentido, o trabalho de Macedo (2010), que analisa redes sociais de trabalhadores na greve de 1980, em São Bernardo do Campo, nos é inspirador. Macedo relaciona os densos laços existentes entre os trabalhadores que deram lastro àquela grande mobilização às suas ações no movimento paredista. Tal análise traz grande densidade à diversidade de escolhas e posturas adotadas por eles, o que possibilita a melhor compreensão da coesão possível entre os trabalhadores e da forma como a greve é realizada. Da maneira semelhante, no tocante à “leitura” de uma greve, Leila Blass observou que para apreendermos uma greve para além de um meio de pressão temos que perceber que, enquanto modo de expressão, ela exige a descoberta de diferentes linguagens, através das quais os grevistas se expressam (nas reivindicações, protestos, petições, slogans, discursos, etc.). Assim, por seu intermédio, é possível conhecer as vontades, representações, expectativas e frustrações que afloram nesse momento (BLASS, 1992: 13-14).

Procedendo à análise das fontes relacionadas às greves, acredito que poderemos ter os indícios para a identificação de relações institucionais e elementos instituintes de identidades acionados pelos trabalhadores, e, a partir de então, buscar as rearticulações entre os agentes sociais envolvidos nas mobilizações e as “linguagens” dos grevistas “reveladoras e instituintes de identidades dos trabalhadores”²¹. Para isso, contamos com grande diversidade de fontes.

²¹ Sobre esse tema há valioso e polêmico texto de referência: JONES, G. S. *Lenguajes de classe: estudios sobre la historia de classe obrera inglesa (1832-1982)*. Madri: Siglo XXI, 1989.

Os jornais regionais são meios privilegiados de termos acesso a dados sobre o cotidiano fabril e externo à fábrica. Estes jornais, que abordam as décadas de 1970 e 1980 (*Jornal do Vale e Opção*), se encontram no arquivo do jornal *A Voz da Cidade* em Barra Mansa. A pretensão é utilizá-los em conjunto com reportagens de circulação nacional (obtidas na Biblioteca Nacional).

Quanto aos modos de ação e organização (agência) dos trabalhadores, temos um conjunto de fontes que dizem respeito à atividade sindical, no período estudado, no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) situado na Unicamp, como boletins sindicais, folhetos, informativos, entre outros.

Sobre a atividade dos movimentos populares de Volta Redonda, em suas relações com as mobilizações estudadas, entre eles, as Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais Operárias, podemos ter acesso aos boletins diocesanos na Cúria Diocesana de Volta Redonda. Terminando a lista de arquivos e fontes a serem utilizados, temos o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) e o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

A história oral, enquanto metodologia, poderá contribuir para a identificação de elementos e questões a serem investigados e problematizados no cruzamento com as demais fontes.

Bibliografia

ANTUNES, R.; SANTANA, M. A. Para onde foi o “novo sindicalismo”? Caminhos e descaminhos de uma prática sindical. In.: REIS, D. A.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (orgs.). *A Ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BLASS, L. *Estamos em greve!* Imagens, gestos e palavras do movimento dos bancários, 1985. São Paulo: Hucitec, 1992.

CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. *Arigó: o pássaro que vem de longe*. Coleção Trabalhadores em Luta, n.1. Rio de Janeiro. CEDI, 1989.

DIAS, S. T. B. *Espaço urbano: concessão ou conquista?* Os núcleos de posse de Volta redonda (1973-1985). Vassouras: Dissertação de Mestrado em História, USS, 2003.

FORTES, A. *Nós do Quarto Distrito*. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul/ Rio de Janeiro: EDUCS/Garamond, 2004.

GOMES, A. C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

GRACIOLLI, E. J. *Um caldeirão chamado CSN*. Uberlândia: Editora da UFU, 1997.

JONES, G. S. *Lenguajes de classe: estúdios sobre la historia de classe obrera inglesa (1832-1982)*. Madri: Siglo XXI, 1989.

MACEDO, F. B. *A Greve de 1980: redes sociais e mobilização coletiva dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, USP, 2010.

MANGABEIRA, Wilma. *Os Dilemas do Novo Sindicalismo: Democracia e Política em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1993.

MONTEIRO, G. T. M. *50 Anos Brasileiros*. Rio de Janeiro: FSB Comunicações, 1995.

MOREL, R. L. de M. *A Ferro e Fogo: Construção e crise da família siderúrgica, o caso de Volta Redonda (1941-1968)*. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia USP, 1989.

PERRUSO, M. A. *Intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/1980*. São Paulo: Annablume, 2009.

PESSANHA, Elina; MOREL, Regina. Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos no Rio de Janeiro. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.17, 1991.

SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.14, n.41, 1999.

SAVAGE, M. Espaços, redes e formação de classe. In.: *Revista Mundos do Trabalho*, vol.2, n.3, 2011.

SILVA, F. T. da S.; COSTA, H. da C. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço de estudos recentes. In.: FERREIRA, J. (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SOARES, P. C. *CEB's: A construção de uma nova maneira de ser Igreja: o nascimento e organização das Comunidades Eclesiais de Base em Volta Redonda (1967-1979)*. Vassouras: Dissertação de Mestrado História, USS, 2001.

THOMPSON, E.P.. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1988, 3vols.

THOMPSON, E.P.. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEFFORT, F. Origens do sindicalismo populista no Brasil (A conjuntura do após-guerra) In.: *Estudos Cebrap*. São Paulo: Cebrap, 1973.